

MOVIMENTO ESPERANÇA E VIDA

Encontro de Novembro de 2011

As obras de misericórdia: sepultar os mortos!

O homem é o único animal que tem consciência da morte e é o único ser que desenvolveu a prática da sepultura dos mortos. Os ritos de inumação (sepultura debaixo da terra) são os mais antigos que a arqueologia nos permite encontrar, visto que nos conduzem à pré-história. A sepultura dos mortos revela o nível de humanização e o grau de civilização de uma sociedade humana. “*Julga-se um povo, pelo modo como sepulta os mortos*” (Péricles). Quando não há respeito pelos mortos, também não espera que o haja pelos vivos.

A sepultura dos mortos, no Antigo Testamento

A sepultura dos mortos não está incluída entre as obras de misericórdia enumeradas em Mt.25,31-46, que escutámos no evangelho deste domingo de Cristo Rei. Mas é prática de piedade estabelecida no judaísmo. O livro de Bem Sirá (Sir.38,16) exorta:

*¹⁶Filho, derrama lágrimas sobre o morto,
e chora como um homem que sofreu um rude golpe.
Sepulta o seu corpo segundo o costume,
e não desprezes a sua sepultura.*

No livro de Tobias, a sepultura dos cadáveres é uma obra agradável a Deus (Tb.12,12-13):

¹²Por isso, sabe que enquanto oravas, tu e a tua nora Sara, eu apresentava as vossas orações diante da glória do Senhor. Da mesma forma, enquanto enterravas os mortos, eu também estava contigo. ¹³Assim, quando, a toda a pressa, te levantaste e deixaste de comer, a fim de sepultar aquele cadáver, eu fui enviado para pôr a tua fé à prova”.

O uso de fechar os olhos do morto, referido na Bíblia (Gn.46,4) explica-se pela equiparação da morte ao sono, sendo prática comum em muitas culturas.

As práticas fúnebres da Bíblia, no **Antigo Testamento**, mostram que os parentes próximos podiam dar ao morto um último abraço e um último beijo (Gn.50,1). O embalsamento do cadáver nunca foi praticado em Israel. Os casos de Jacob e José (Gn.50,2-3; Gn.50,26) explicam-se como costume egípcio. A cremação dos corpos em Israel nunca foi praticada e era considerada um ultraje ao corpo.

No caso de um rei, o cadáver podia ser coberto de perfumes e, na câmara sepulcral, podiam queimar-se aromas abundantes. A ausência de sepultura era considerada uma maldição e uma condição vergonhosa (Sl.79,2-3; Jer.16,4-6;25,33) e era a sorte miserável dos ímpios.

Os sepulcros podiam consistir em cavernas e cavidades naturais, como a gruta de Macpela, que Abraão comprou e onde foram sepultados ele e a esposa e os filhos e as suas mulheres. Ou então podiam ser escavadas na rocha, tratando-se de túmulos de família abastadas. A expressão «*dormecer com os seus pais*» faz referência a túmulos familiares. As pessoas mais pobres eram simplesmente depositadas em covas escavadas na terra. Os textos de II Re.23,6 e Jer.26,23 referem-se a “*sepulturas dos filhos do povo*”. O respeito pelo cadáver aumenta à medida que cresce a fé na ressurreição.

Na mitologia grega, Sono (Hypnos) e Morte (Thánatos) eram gémeos. A própria palavra latina “*cemeterium*” deriva de um termo grego que significa «*dormitório*», “*para que se saiba que aqueles que aí repousa, não estão mortos, mas a dormir*” (São João Crisóstomo).

A sepultura dos mortos, no Novo Testamento

No **Novo Testamento**, os Evangelhos dão particular atenção à sepultura de Jesus, segundo o costume dos judeus (Jo.19,40). São Paulo refere a sepultura de Jesus, ao citar a tradição oral primitiva dos cristãos: “*Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as escrituras*» (I Cor.15,3-4).

A sepultura dos mortos, no cristianismo primitivo

A estreita relação entre homo (homem) e humus (terra) e a imagem do homem tirado da terra, fizeram da inumação a forma de sepultura privilegiada no Ocidente. Muitas vezes os cristãos eram sepultados com o rosto virado para Oriente, de onde se esperava a vinda escatológica do Senhor.

“Quase ao fim do século terceiro, encontramos pela primeira vez em Roma, no sarcófago de um menino e no contexto da ressurreição de Lázaro, a figura de Cristo como o verdadeiro filósofo que, numa mão, segura o Evangelho e, na outra, o bastão do viandante, próprio do filósofo. Com este bastão, Ele vence a morte; o Evangelho traz a verdade que os filósofos peregrinos tinham buscado em vão.

Nesta imagem, que sucessivamente por um longo período havia de perdurar na arte dos sarcófagos, torna-se evidente aquilo que tanto as pessoas cultas como as simples encontravam em Cristo: Ele diz-nos quem é na realidade o homem e o que ele deve fazer para ser verdadeiramente homem. Ele indica-nos o caminho, e este caminho é a verdade. Ele indica ainda o caminho para além da morte; só quem tem a possibilidade de fazer isto é um verdadeiro mestre de vida.

O mesmo se torna visível na imagem do pastor. Tal como sucedia com a representação do filósofo, assim também na *figura do pastor* a Igreja primitiva podia apelar-se a modelos existentes da arte romana. Nesta, o pastor era, em geral, expressão do sonho de uma vida serena e simples de que as pessoas, na confusão da grande cidade, sentiam saudade. Agora a imagem era lida no âmbito de um novo cenário que lhe conferia um conteúdo mais profundo: «*O Senhor é meu pastor, nada me falta [...] Mesmo que atravesse vales sombrios, nenhum mal temerei, porque estais comigo* » (Sal 23[22], 1.4). O verdadeiro pastor é Aquele que conhece também o caminho que passa pelo vale da morte; Aquele que, mesmo na estrada da derradeira solidão, onde ninguém me pode acompanhar, caminha comigo servindo-me de guia ao atravessá-la: Ele mesmo percorreu esta estrada, desceu ao reino da morte, venceu-a e voltou para nos acompanhar a nós agora e nos dar a certeza de que, juntamente com Ele, acha-se uma passagem. A certeza de que existe Aquele que, mesmo na morte, me acompanha e com o seu « bastão e o seu cajado me conforta », de modo que « não devo temer nenhum mal » (cf. Sal 23[22],4): esta era a nova « esperança » que surgia na vida dos crentes” (Bento XVI, Encíclica Spe Salvi, n.6).

A prática da cremação

A cremação foi rejeitada, embora o tipo de sepultura não fosse considerado determinante para a ressurreição. A prática da cremação, corrente no hinduísmo, tem vindo a difundir-se no Ocidente, nas últimas décadas, a par de outras formas de outras formas de tratamento do cadáver. A partir de 1963, com a Instrução da Congregação da Doutrina da Fé, a cremação dos cadáveres é aceite pela Igreja

Católica, contanto que tal opção não tenha sido feita com motivações expressamente anti-cristãs. “Àqueles que tenham optado pela cremação do seu cadáver, pode conceder-se o rito das exéquias cristãs, a menos que a sua opção não seja ditada por motivações contrárias à doutrina cristã» (Celebração das Exéquias, 16, ed. CEP, p.13). “A Igreja recomenda insistentemente que se conserve o costume de sepultar os corpos dos defuntos, mas não proíbe a cremação, a não ser que tenha sido escolhida, por motivos contrários à doutrina cristã” (Código de Direito Canónico, cân. 1176, §3).

As motivações para a cremação são de ordem higiénica (mais limpo), logística (mais prático!) e psicológica (afastar o terror de acordar no caixão). Talvez se explique ainda mais pelo chamado “*horror da corrupção*”: numa época tão atenta a bem-estar do corpo e à sua integridade, a perspectiva da corrupção pode revelar-se insustentável e tornar preferível o desaparecimento dos despojos, mediante a incineração.

Quando a cremação é acompanhada por uma ausência de ritos, os parentes de um defunto que é cremado têm de se confrontar não só com o luto, mas também com o vazio ritual. Ora os ritos ajudam a elaborar o luto.

Se a morte é um acontecimento pessoal, ela é também um acontecimento colectivo. Retirá-la da expressão pública e reduzi-la a um fenómeno privado. O desaparecimento dos ritos de passagem nas nossas sociedades ocidentais caminha a par e passo, com a redução da morte a um facto técnico e privado e com a profissionalização cada vez mais acentuada do mercado funerário.

A visibilidade de um cemitério e de uma sepultura pessoal é significativa para uma cultura da memória, que pede para ser sustentada por sinais visíveis e inscreve a morte na comunidade dos vivos.

Como as atitudes à volta da morte são um espelho da sociedade (cf. discussão sobre eutanásia, testamento vital etc), é preciso estar atento e não deixar de reflectir sobre as questões que a sepultura coloca ao homem, que se defronta com a morte. E o convida a discernir aquilo que é essencial na vida!

Resumimos, seguindo, de perto, LUCIANO MANICARDI, *A Caridade dá que fazer. Redescobrimo a atualidade das obras de misericórdia*, Ed. Paulinas, 137-147.